

MONUMENTO
DO
AGRADECIMENTO,
TRIBUTO DA VENERAC,AM,
OBELISCO FUNERAL DO OBSEQUIO,
RELAC,AM FIEL
DAS REAES EXEQUIAS,
que á defunta Magestade

DO FIDELISSIMO E AUGUSTISSIMO REY O SENHOR

D. JOAÕ V.
DEDICOU

O DOUTOR MATHIAS

ANTONIO SALGADO
*Vigario Collado da Matriz de N. Senhora do Pil.
lar da Villa de S. Joaõ delRey*

OFFERECIDA

AO MUITO ALTO, E PODEROSO REY

D. JOSEPH I.
NOSSO SENHOR.

(❁)

LISBOA:

Na Officina de FRANCISCO DA SILVA,
Anno de MDCCLI.

Com todas as licenças necessarias.

MONUMENTO
DO
AGRADECIMENTO
TRIBUTO A VIRTUDES
OBELISCO FUNERAL DO OSSEQUIO
RELIQUIAS
DAS REAS EXHIBIDAS
que a delm. Magist. de
DO FIDELISSIMO E AUGUSTISSIMO REY O SENHOR

D. JOAQUIM V.

DOCTOR MATIAS
ANTONIO BARRALDO
Luz da Villa de S. Joao del Rey
oferecida

AO MUNDO ALTO, FIDELISSIMO REY
D. JOSEPH I.

NOSSO SENHOR
LIBRO DE ANTO
Na Officina de FRANCISCO DA SILVA
Anno de MDCLII
Com todas as licenças necessarias.

SENHOR.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

SENDO tão dila-
tadas as mãos dos
Reys , não he muito que
§ ii eu

eu nesta distancia chegue a
beijar a Real mão de Vossa
Magestade. Com esta pre-
cisa demonstração do res-
peito, e da lealdade pertencen-
do, como fiel vassallo, ma-
nifestar o gosto excessivo,
que me toca pela exaltação
de V. Magestade ao Throno.
Não repare V. Magestade
que, entre tantos excessos
da alegria, offereça a Vossa
Magestade este tributo fu-
neral, que pagou o meu agra-
decimento ao Fidelissimo Se-
nhor Rey D. João o V. Pay
Au-

Augusto de V. Magestade.
Naõ he isto, Senhor, con-
fundir os cyprestes com as
palmas, os vivas com os
gemidos, as acclamaçoẽs com
as exequias; antes he con-
tribuir para a gloria da ac-
clamação de V. Magestade.
Pois q̃ mayor annuncio das
felicidades, que no Reynado
de V. Magestade profetiza o
augmento do seu Real No-
me, em tudo primeiro, do que
vermos que tem hum Pay
immortal! Todas as prof-
peridades, que gozou o Egy-
pto

ptô no governo do seu Vice-
Rey Joseph, tiveraõ a sua
ascendencia nas bençoens do
Ceo. No Ceo tem V. Ma-
gestade quem lhe lançou, e
lança a benção, e por isso
se promette Portugal em V.
Magestade, como primeiro
Joseph, felicidades corres-
pondentes á que logra em
ter a V. Magestade por seu
Soberano. Prospere Deos a
vida de V. Magestade, co-
mo lhe pedimos, para de sem-
penho das nossas esperanças,
e complemento ultimo da
nos-

nossa gloria. S. Joaõ de El-
Rey 14. de Mayo de 1751.

O Vigario de S. Joaõ de ElRey.

Mathias Antonio Salgado.

nostra gloria. S. João de F.
Rey de Portugal de 1771.

O Viganio de S. João de F.
O Viganio de S. João de F.
O Viganio de S. João de F.

Vossas Illustriss.
O Viganio de S. João de F.
O Viganio de S. João de F.

O Viganio de S. João de F.
O Viganio de S. João de F.
O Viganio de S. João de F.

Martin...

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

*CENSURADO M.R.P.M.Fr. FRANCISCO
Xavier de Lemos, Qualificador do San-
to Officio da Sagrada Ordem dos Prê-
gadores, &c.*

ILLUSTRÍSSIMOS SENHORES.

Fiel executor das Ordens de Vossas Illustríssi-
mas vi a Relação das Exequias, que ao Rey
Fidelissimo dedicou o Doutor Mathias Antonio Sal-
gado, Vigario da Matriz de N. Senhora do Pilar
da Villa de S. João delRey, Comarca do Rio das
Mortes, e com mayor applicação attendi ás duas
Oraçoens Funebres, que a esse objecto recitou o
mesmo Reverendo Vigario.

Para expôr a Vossas Illustríssimas o conceito,
que fiz deste papel, basta significar o que há muito
formey deste Author. He este, que o Doutor Ma-
thias Antonio Salgado foy hum dos mais egregios
Oradores, que talvez com vantagens a muitos, que
appareceraõ nos rostos da famosa Roma, subiraõ
aos pulpitos da nossa Lusitania, soando ainda hoje
em cada dia festivo os doces eccos da tua eloquencia

125

nas abobedas dos mais famosos Templos desta Corte, que se honraraõ com a sua presença. E se este he o mesmo Author destas Oraçoens Funebres; quem duvida que nellas se admira a mesma elegancia do seu grave, serio, e magistral estylo?

Dittofo Orador sempre igual ou para festivos; ou para funebres dezempnhos, mostrando em toda a occasiaõ a mesma harmonia nas vozes, melhor que a cythara de Eumenides variando os tons, e mudando as letras.

Naõ merecia menor Orador a heroicidade do Fidelissimo Monarcha, que occupou a penna de escriptor taõ insigne, que soube reduzir aos limites de dous panegyricos as acçoens, que naõ caberiaõ em grandes volumes, explicando com a figura de huma nova reticencia, o que outros naõ poderiaõ publicar com a multidaõ de pleonasmos, com que se occupariaõ innumeraveis paginas,

Em fim, dignissimo he todo este papel de sahir á luz publica, muito mais naõ contendo coufa contra a Fé, ou bons costumes. Assim o julgo. Vossas Illustrissimas mandarãõ o que forem servidos. Convento de S. Domingos de Lisboa 15. de Setembro de 1791.

Fr. Francisco Xavier de Lemos.

Vil.

V Ista a informaçãõ, pòdem-se imprimir a Re-
laçaõ, e Sermoens, que se apresentaõ; e
depois voltarãõ conferidos para se dar licença que
corraõ, sem a qual naõ correrãõ. Lisboa 16. de
Setembro de 1751.

Fr. Rodrigo de Alancastre. Silva.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

Do Ordinario.

*CENSURADO M.R.P.M.Fr. FRANCISCO
Augusto da Ordem de N. Senhora do Car-
mo &c.*

EXCELLENTISSIMO SENHOR:

V I a Relaçãõ das Exequias, que á Magestade
do Rey Fidelissimo dedicou o Reverendo Dou-
tor Mathias Antonio Salgado, Vigario da Ma-
triz de N. Senhora do Pilar da Villa de S. Joãõ
delRey, Comarca do Rio das Mortes, e junta-
mente os dous Sermoens, que com a mesma Re-
laçaõ pertende imprimir, e me parecem dignos da
licença, que pede; porque nelles, nem tampouco
na

na Relaçãõ se acha palavra , que repugne aos dogmas da Fé , ou pureza dos costumes. Carmo de Lisboa 1. de Outubro de 1751.

Fr. Francisco Augusto.

Vista a informaçãõ , póde-se imprimir a Relaçãõ , e Sermoens , de que trata a petição , e depois de impresso torne para se dar licença para correr. Lisboa 3. de Outubro de 1751.

D. Jozé A. de Lacedemonia.

CENSURA DO M. R. P. M. PEDRO
Alfaya da Sagrada Companhia de JESUS, &c.

S E N H O R.

LI por ordem de V. Magestade esta Relaçãõ, e os dous Sermoens , em que , como em Pólos se revolveo a grande esfera do engenhoso Doutor , o Reverendo Mathias Antonio Salgado , e me parece que nunca a Frota do Rio veyo taõ importante , como quando nos trouxe este precioso papel , em cuja comparaçãõ perde os quilates todo

do o ouro; que nos costuma vir daquelle novo mundo: *Omne aurum in comparatione illius arena est.* Está Obra singular, e por todos os lados tão perfeita, que não he facil de rezolver, se sobre-sahe mais nesta Obra a materia, com que para ella concorreo o Fidelissimo, e Augustissimo Rey, o Senhor D. Joaõ o V., ou a fórma, que lhe deo este famoso Orador; porque se as acçoens daquelle grande Monarcha nos suspendem por raras, e em gráo superlativo heroicas, tambem o estylo deste celebrado engenho nos eleva, por se achar nelle singularmente unido o mais natural, e espontaneo com o mais perspicaz, e profundo. Assim o mostraõ os seus conceitos os mais profundos, as suas reflexoens as mais agudas, e as suas palavras as mais proprias. Com ellas retratou tão vivamente ao nosso Fidelissimo, e Augustissimo Rey, que quem tomar nas mãos estes Sermoens se achará com hum fiel retrato, em que contemple todas as prendas, com que a natureza o aperfeçoou, e todos os dotes, com que a graça o enriqueceo. Por isso me parece esta obra muito digna do Real agrado de V. Magestade, e de se dar ao prélo para gloria singular do nosso reyno; pois quando este não tivesse cultivado outros engenhos mais que o do Author, este só bastaria para credito immortal da nação Portugueza; assim como bastou para credito do Egypto hum só Antonio: *Quod si nullum alium protulisset Ægyptus, satis erat Antonius*, elcreveo S. Jeronymo. Este o meu parecer. V. Magestade ordenará o que for servido. Lisboa Collegio de S. Antaõ da Companhia de JESUS 6. de Outubro de 1751.

Pedro Alfaya,

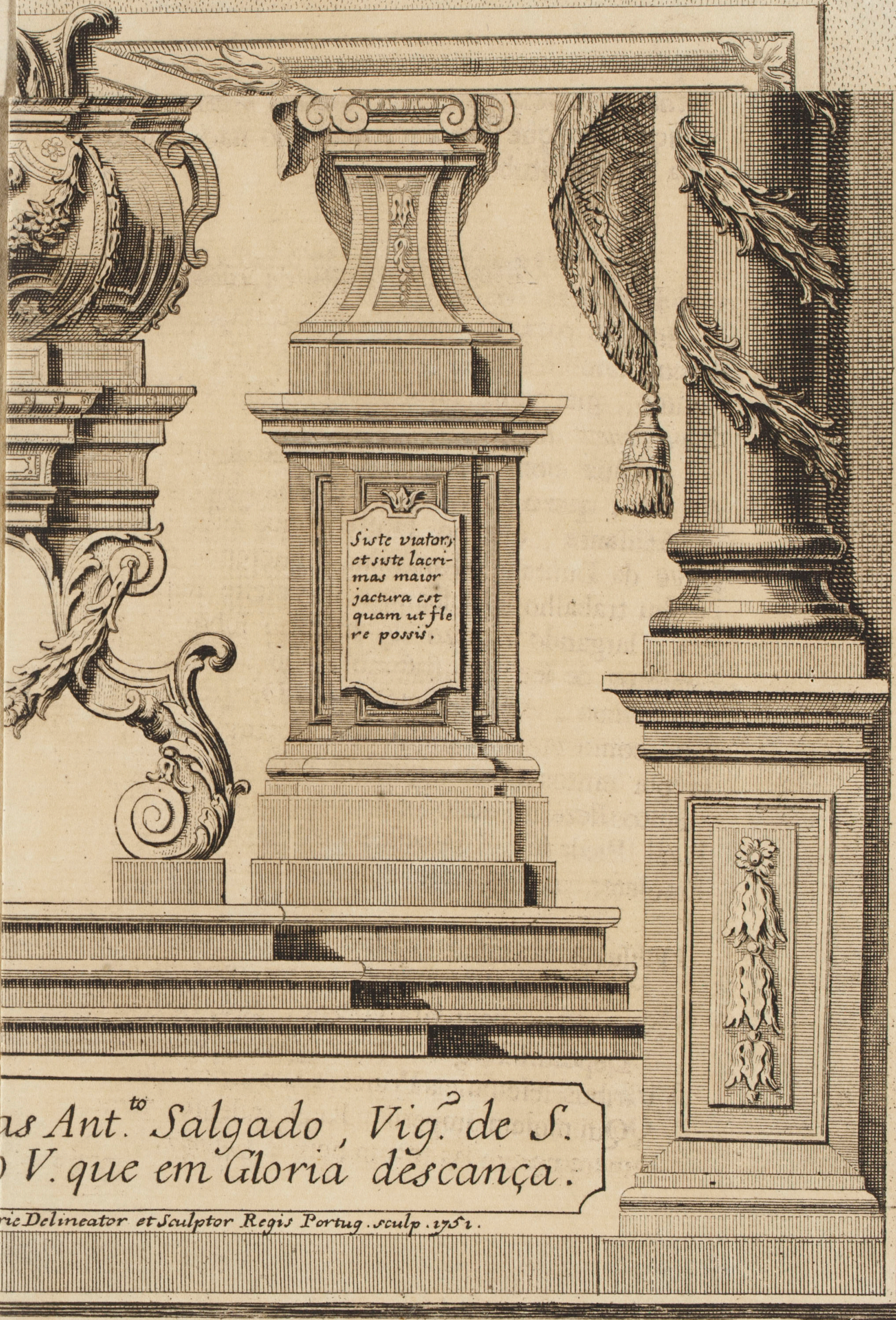
Que

Sap. 7.
v. 8.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra, e sem isso não correrá. Lisboa 7. de Outubro de 1751.

Attaide. Almeida. Mourão.

RE-



as Ant.^{to} Salgado, Vig.^o de S.
V. que em Gloria descança.

rie Delineator et Sculptor Regis Portug. sculp. 1751.



Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Pene luctu
regallice Reg
num Post mor
bum diutur
num Augustu
simus Joanes
V. Rex tuus
etc.

Spes illius immortalitate plena est

Non est mortale quod optat
Aspicit, ut solem quatit Jo-
vis armiger ales,
Humulo ad caelum.

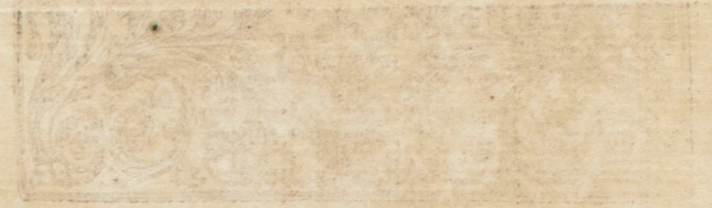
Que modo discitis visa est
tumularier undis

Siste victori
et iste lacri-
mas maior
jactura est
quam ut flo-
re possit.

Representaçam do Mauzoleo que mandou erigir o D.^o Mathias Ant.^o Salgado, Vig.^o de S. Joao del Rey, nas exequias do FEDELISSIMO REY D. JOAÕ O V. que em Gloria descança.

Stefanus de Andrade. Luct. del.

G. F. L. Debric Delineator et Sculptor Regis Portug. sculp. 1751.

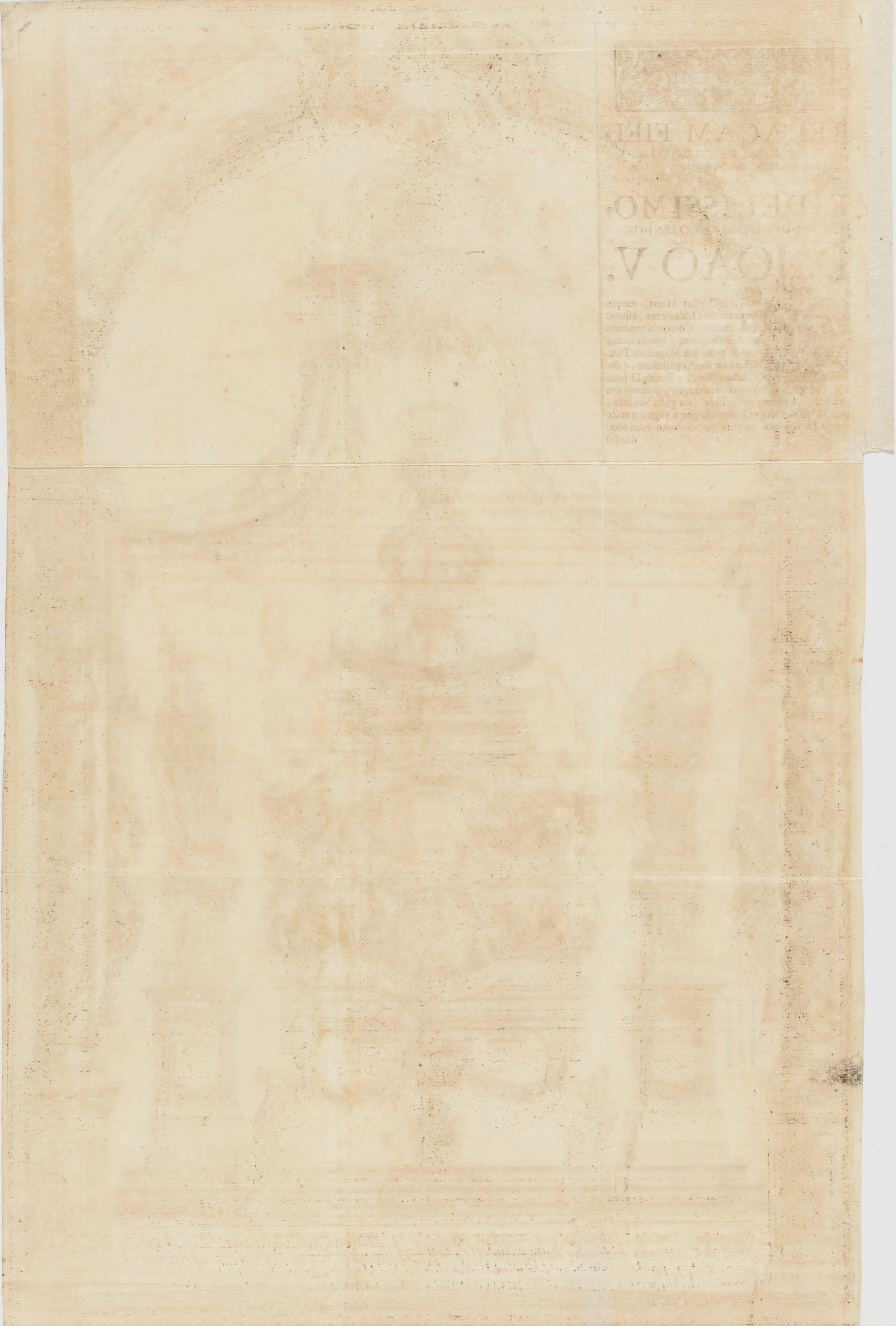


[Faint, illegible text, possibly a title or address.]

[Faint, illegible text, possibly a name or title.]

[Faint, illegible text, possibly a name or title.]

[Faint, illegible text, possibly a signature or official statement.]





REI A CAM FIRM

REI A CAM FIRM

REI A CAM FIRM

REI A CAM FIRM

REI A CAM FIRM

REI A CAM FIRM

REI A CAM FIRM

REI A CAM FIRM

REI A CAM FIRM

REI A CAM FIRM

REI A CAM FIRM

REI A CAM FIRM

REI A CAM FIRM

REI A CAM FIRM

REI A CAM FIRM



RELACAM FIEL

DAS REAES EXEQUIAS

da defunta Magestade

DO

FIDELISSIMO,

E AUGUSTISSIMO REY O SENHOR

D. JOAÕ V.



UANDO estas Minas, sempre leaes aos seus Monarchas, esperavaõ anciosas a dezejada melhoria da rebelde queixa, que ha tantos annos padecia a Magestade Fidelissima do seu Augustissimo, e Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ o V., trocada a esperança em magoa, o dezejo em tormento, a gloria em tristeza, e a galla em luto, pela Bahia de todos os Santos chegou a vaga, e triste noticia (ainda que ao principio só como ruím acreditada)

A

ditada)

ditada) de ser fallecido para o mundo este Poderozo Monarcha Lusitano , de todos os seus Reys exemplar incomparavel.

O pouco seguro allivio , que esta noticia , ainda por duvidoza , aos povos communicava , se desvanecio com as ordens , e expressos , que o Illustrissimo e Excellentissimo Gomes Freyre de Andrada , Governador , e Capitaõ General destas Minas , mandou da Cidade do Rio de Janeiro para todas as suas Comarcas , Villas , e Camaras , para que , assim como na vida de tal Rey tinhaõ sido participantes de seus beneficios , fossem na sua morte com publicas , e particulares , internas , e exteriores demonstraçoens do justo sentimento , lastimaveis pregoeiros de tanta perda.

Aos 25. de Dezembro do anno passado de 1750. chegou a esta Villa de S. Joaõ de El Rey , Comarca do Rio das Mortes , a certeza de taõ infausta noticia; e he de crer que , sendo na lealdade , e no nome esta Villa taõ particular da Magestade defunta , havia forçozamente de ser tambem entre todas a mais especial no sentimento.

Naõ houve em todo este povo creatura ; que , tendo o Racional por differença , naõ fizesse neste lamentavel estrago mais apreço do sensitivo ; morador , que naõ mostrasse no pranto a magoa de seu ferido coração : e ainda na multidaõ dos escravos pouco intelligentes da publica utilidade , e que naõ sabem pezar a ruina do Ceptro na balança do entendimento , se naõ via algum , que no enlutado semblante , sem mudar de cor , naõ fosse muda estatua da pena; e da magoa immovel estafermo.

A Igre-

A Igreja sentia a falta de hum Monarcha taõ liberalmente piedozo para o Culto Divino ; os Ecclesiasticos mostravaõ-se sentidos na perda de hum Soberano , que , sem dezar da Magestade , tanto os respeitava ; os vassallos choravaõ a morte do seu Rey , que taõ pacificamente os conservou ; os Politicos lamentavaõ , que morresse hum Principe taõ perfeito ; a quem , esquecidos do Senhor D. Joaõ o II. no nome , dezejavaõ immortal na duraçaõ ; e o povo finalmente clamava inconsolavel que perdera , naõ hum Rey , mas hum Pay , de quem , sendo vassallos por sujeiçaõ , eraõ mais que filhos por amor.

Com este universal sentimento , depois de quebrados os Escudos nas praças mais publicas da Villa ; (antiga cerimonia , que se observa na morte das Magestades Portuguezas) fez a Camara na Igreja Matriz de N. Senhora do Pilar da mesma Villa , assistindo-lhe o Doutor Corregedor da Comarca Thomaz Roby de Barros Barreto do Rego , com pompozo , e funebre apparatus as suas Reaes Exequias aos 28. do mez de Dezembro , mostrando na morte do seu Rey o final tributo da vassallagem ; mas naõ o ultimo para a sua veneraçãõ , e saudade

Quiz o Doutor Mathias Antonio Salgado Vigario collado desta mesma Igreja Matriz , ou fosse por obrigaçaõ de divida , ou por agradecimento do beneficio , mostrar á Fidelissima Magestade defunta do Senhor Rey D. Joaõ o V. , que nem a distancia o fizera esquecer dos Reaes favores , nem a morte o havia arguir de desagradecido á memoria de hum Monarcha , que tanto em sua vida o favorecera ; e determinou , no modo possivel , pagar-lhe em bem da alma o

bem; que lhe havia feito na apresentação do seu Real Padroado desta Igreja; fineza, que, ainda que experimente a emulação dos ingratos, não chegará a sentir a crisi da lizonja.

Sessenta dias se dilatou a funebre, e magoada, mas amante demonstração deste fiel, e fervoroso agradecimento; holocausto, que, não consentindo pela dor demoras ao dezejo, precisou, a estímulos do desvelo, desta tardança, para proporcionada execução da idéa de hum obelisco mais sublime, que os decantados da antiga Roma, de hum Pyramide mais elevada, que as maravilhosas do Egypto, e de hum Regio Mausoleo mais pompozo, e amante, que aquelle, que soube erigir Artimiza para padraõ do amor; e monumento da laudade á memoria do seu Rey, e defunto marido Mauzeolo.

Era esta artificiola fabrica copia da engenhosa idéa do Sargento mór Antonio de Moraes Sarmiento; tinha todo o corpo 40. palmos de alto desde o ultimo, e superior degráo; 20. de largo, de figura oitava em forma pyramidal; esta se repartia em quatro corpos parciaes, membros, de que se compunha o pompozo, e agigantado composto de machina taõ funesta: os primeiros tres bancos se ornavaõ pelas suas faces com 12. tarjas de meyo relevado, vestidas de fastoens, e mais folhagens de ouro, e prata, que realmente as formozeavaõ, e enriqueciaõ: eraõ os effcudos destas tarjas de morte cor, dentro dos quaes se viaõ finamente pintados varios Emblemas, deduzidos de alguns lugares da Sagrada Escritura, com seus Lemmas, e letras por baixo em fitas de ouro, e prata, o que logo se decifrava em elegantes Disticos;

es

escritos em pannos prateados, que pendiaõ das mesmas tarjas, e ficavaõ nos córtes dos ditos corpos, que faziaõ o oitavado da figura, ornando-se tudo com varias folhagens douradas de engenhoso, e admiravel artificio.

O quarto, e ultimo banco se adornava de varios gomos, e meyas canas douradas, e prateadas, que com apparatoza architettura, e tórma singular lhe faziaõ distinguir o plinto, corpo, e cornija, tendo sobre esta hum banco, em que assentava huma almofada de veludo preto agaloadado de ouro, rematando em cima esta funebre Pyramide com huma Coroa, e Ceptro de prata, como Real Coroa de taõ magestosa obra.

Sustentava se esta triste, e sublime machina em oito quartoens de altura de 9. palmos de fingido Alabastro com varias folhagens douradas, de cujas volutas prendiaõ fastoens dourados de huns aos outros, que se enlaçavaõ com igualdade por baixo do plinto do primeiro banco; os plintos, em que assentavaõ aquelles quartoens, eraõ de fingido marmore azul: o pavimento desta obra era hum estrado formado na mesma figura oitavada de tres degráos da mesma pedra; cujo plano se via pintado de hum admiravel xadrez azul, e branco, que além da perfeiçaõ fazia sobresaahir melhor a elevada fabrica deste magestozo, e tristissimo Obelisco.

Divizavaõ-se os Emblemas nas oito faces principaes dos dous primeiros corpos deste composto; ideados, e applicados todos pelo amor, e engenho do meimo Mathias Antonio Salgado, que na urna da dor, ou na pyra da saudade queria, na sensível mor-

te

te de taõ Augusto Monarcha , naõ só mostrar a magoa no dispendio , mas accrescentá la na lembrança das acçoens , e virtudes , com que este Rey Fidelissimo em sua vida tanto se distinguio entre todos os Monarchas de Religiosa Christandade.

Na frente deste corpo , e face principal do primeiro banco se lia em huma bem lançada fita de ouro o seguinte lugar da Escriitura Sagrada.

Scio hominem in Christo . . . raptum huiusmodi usque ad tertium caelum.

2. ad Corinth. 12. v. 2.

Por baixo huma bem pintada Náo de morte cor dentro do escudo de huma das 12. tarjas , surgindo dos abyssos do Oceano , e elevando-se até o mesmo Ceo , em cujo seguro porto parecia querer livrar se das tempestades do mar , e inconstancia das ondas ; era a Letra : *E tumulo ad caelum.*

Decifra-se no gloriolo tranzito da defunta Magestade Fidelissima , subindo ao seguro porto do Ceo , como christãmente cremos , do undozo , e inconstante pelago de trabalhos , em que vivia neste mundo , naõ só no inoportavel pezo da Monarchia , como no tormentoso abyssmo da dilatada molestia , de que deo a alma ao Creador de tudo , e Rey dos Reys ; o que cordialmente mostrava aquelle Salgado engenho em o prateado panno nestas clausulas.

Quæ modo discissis visa est tumularier undis

E tumulo ad caelum sustulit unda Ratem ;

E tumulo ad caelum tempestas improba fati

Re.

Regem effert: portum jam sua puppis habet.

Na face superior do segundo banco se viaõ sabiamente applicadas estas palavras da melhor Sabedoria, escritas tambem em fita de ouro

Spes illius immortalitate plena est.

Ad illud Sap. 3. v. 4.

Era o Emblema huma Real Aguia bebendo os rayos do Sol, a cujas luzes só aspirava, com este Lemma: *Non est mortale, quod optat.*

Bem o explicava a mesma apparada penna; descrevendo nos seguintes Disticos o infaciavel desejo, com que esta Imperial Aguia Portugueza, desprezando a fragilidade do mundo, e sombras da terra; se queria illustrar entre as luzes do Divino Sol.

Aspicias, ut Solem quærit Jovis armiger ales;

Intentisque oculis lumina grata bibit?

Non est terrenum: Non est mortale, quod optat;

In Sole obtutum pascere solus amor.

Nomina non fallunt; Aquila est Augusta Joannes,

Atque Aquilam expressit, dum parat ire polum.

Non sibi terra placet: Non est mortale, quod optat;

Æterno ut pascat lumina sole, volat.

Da parte collateral da Epistola se divizava na face do primeiro corpo em fita de prata o seguinte lugar da Escritura Sagrada.

Quasi

*Quasi non est mortuus , similem enim reliquit
sibi post se.*

Ecclesiast. 3. v. 4.

Mostrava-se dentro do escudo da tarja a pintura do Emblema na celebre fabula de ElRey Athlante , quando , para dar descanso ao seu trabalho , largou de seus hombros sobre os de Alcides o pezo de todo o mundo , que nelles sustentava ; e era o Epygrafe : *Non deficit alter.*

Quiz com muita propriedade dizer o seu sabio Author , que o nosso defunto Monarcha , incomparavel Athlante , que por tantos annos sustentou o pezo grave da Lusitana Monarchia , querendo por premio de seu trabalho ir descansar na celeste Patria , morrera , largando o pezo do Imperio sobre os Regios hombros de seu Agustissimo Filho , e Successor , o Serenissimo , e Fidelissimo Rey D. Joseph N. S. , que , como verdadeiro Hercules Portuguez , o sustentará por tantos annos , quantos pede o nosso interesse , quantos dezeja o nosso amor , e quantos merece a sua Real Piedade , e Beneficencia : e bem se explica o Emblema nas seguintes clausulas.

Fessus Athlas dum liquit onus ; non deficit alter.

Par sibi , qui similes suppleat orbe vices.

Non aliter , nam fata vocant , dum Lysius Athlas

Deposuit Regni , quod grave gessit , onus ;

Viribus Herculeis Princeps non deficit alter ,

Qui molem Imperij , Rege cadente , ferat.

Funere ne credas totum periisse Joannem ,

Dum

Dum post se Sobolem linquit in orbe parem.
 Regnat adhuc, vitamque trahit post funera Iospes;
 In Nato regnat, vivit & ille suo.

Na face do banco superior do mesmo lado se mostravaõ escritas em outra fita de prata estas palavras da Sacra Pagina.

Mihi.... mori lucrum.

Philip. 1. v. 21.

Explicava-se o Emblema em huma véla, dando, como costuma, mayor claridade, e resplendor de luz ao tempo de apagar-se, e quando morre; e era a propriedade da Letra: *In interitu clarior.*

Dando-se a entender, que este Fidelissimo Principe, e Rey Soberano, naõ só como véla accesa, mas como brilhante tocha da Fé, e da Christandade, tivera em sua morte mais clara a luz do seu Real Entendimento, mostrando na mesma o mayor resplendor das suas virtudes; assim o ensinava a descripçaõ dos versos seguintes, que ideou a eloquencia do varaõ, que votava enternecido estes tristes, e amorozos obsequios, que se viaõ lavrados no prateado panno, que pendia da tarja, onde o mesmo Emblema se incluia.

· Mayorem emittit fax jam moritura nitorem;
Clarior interitu, dum cadit umbra, nitet.
 Hæc est Lusitadum Regis morientis imago,
Clarior interitu, quam fuit ante, manet.

Na frente , que correspondia para o Altar maior , se não a principal para a curiosidade do concurso , a primeira pelo termo , que mais directamente venerava , se lia na face do corpo inferior desta funebre maravilha este sagrado Lugar :

Abiit accipere sibi Regnum.

Luc. 19. v. 12.

Consistia o Emblema , que no escudo da tarja se divizava , na primorosa pintura daquelle brilhante Planeta , Rey , e Monarcha dos Astros , quando sepultado em urnas de crystal , procura brilhar no Reyno dos Antipodas , deixando entre confuzoens , e tristezas aquelles , de que se aparta , e para quem morre ; tinha por Lemma : *Regnum aliud querit.*

Foy felicidade do Author mostrar com tanta energia , que o Sol Portuguez da Magestade Augulta do Senhor Rey D. Joaõ o V. no seu sentido occaso antes quizera deixar o seu Reyno de Portugal , a pezar do nosso sentimento , pelo Reyno celeste ; onde reynará triunfante , e glorioso por toda a eternidade entre os habitadores do Emyreo : e isto he o que inculcaõ as metricas consonancias , que se seguem :

Phœbus in occasu non Regni amittit habenas;

Regnum aliud querit , dum tumulatur aquis.

Ut Sol occubuit , liquit dum regna , Joannes ,

Non tamen occubuit funere Regis honor.

Regnum aliud querit , nullo quod clauditur œvo ,

Par meritis solùm est ista corona suis.

Na

Na face do corpo superior se achavaõ escritas em fita de ouro eitas sagradas letras da Escritura.

Sol cognovit occasum suum.

Ex Psalm. 103. v. 19.

Em escudo de rica tarja se representava o Emblema na artificiosa pintura da ave Fenix, renascendo advertida das mesmas chammas, em que morre pregoeira do seu final destino; sendo o seu Epygrafe;
Fati sibi conscius.

Dava a entender este fiel Panegyrista das virtudes, e acçoens da Fidelissima Magestade defunta; que antes da sua morte fora sabedor da ultima hora da sua vida, conhecendo o tempo, em que havia de dar a sua alma ao Creador dos Ceos, e da terra; conceito, que bem explicou na elegancia do metro.

In tumulo Phænix fati sibi conscius ardet;

Natalemque parat, dum perit igne, diem.

Instar Phænicis novit tua fata JOANNES,

Atque pio, fati conscius, igne flagrat.

Qui sua prævidit Rex funera doctus amore,

Crede, carens œvo mors sibi vita fuit.

Pela parte collateral do Evangelho na face do primeiro corpo desta elevada maquina se mettiaõ pelos olhos, e pelo entendimento de todos, os que a contemplavaõ, estas sentenciosas verdades das Divinas Letras.

Pretiosa in conspectu Domini mors eius.

Plalm. 114. v. 5.

Mostrava em vistosa pintura o escudô da tarja aquella decantada Arvore pelos Poetas de hum ramo de ouro, que cortado, logo de novo apparecia com outro semelhante na grandeza, e preço, a que se applicava a Letra: *E cæde acquirit pretium.*

Alludia este Emblema á Real, e Preciosa Arvore do Fidelissimo Rey, e Senhor D. Joaõ o V., que, sendo cortada no Outono de seus annos a violencias do cruel golpe da Parca, adquirio no mesmo córte o mayor preço, brotando com mais riquezas; renascendo Arvore de ouro no Paraizo, veyo a servir lhe a morte de instrumento para o premio, que alcança na gloria, como aquella moralmente nos prognostica; parece, que assim o quiz dizer aquelle douto Orador, e Poeta:

*E cæde acquirit pretium, dum cæditur, arbor
Aurea, sub ferro læsa refundit opes.*

*Funeris hæc Regis pretium late explicat arbor,
Nam pretium acquirit, dum modo cæde cadit.*

Quot virtutis opes felici in funere prodit?

Qui sic occumbit, mors pretiosa sua est.

Finalmente na oitava face do segundo corpo deste lado se representava em fita de prata este texto da Elcritura Sagrada.

Volabo ; ut requiescam.

Psalm. 54. v. 7.

Naõ podia o Emblema ser mais genuino para o intento , mostrando no escudo de outra similhante tarja huma incendida chamma de fogo , subindo para o Ceo , e buscando por materia os meismos ares , em que se ateava ; tinha por conceito o seguinte Lemma : *Ut requiescat.*

He a sua applicaçãõ , que assim como a chamma do fogo tóbe para cima , querendo fugir da terra , como violento desterro da sua inclinaçãõ , por buscar nos Ceos a sua propria regiaõ ; da mesma forte a luz do entendimento , e a incendida chamma , em que se abrazava o ardente coraçãõ , e Regio peito deste Serenissimo Monarcha no amor de Deos , quiz fugir do desterro deste mundo , buscando no Ceo , a que subio , a patria , para que fora creado , como propria regiaõ , que tinha merecido por suas virtudes : este foy o conceito do Author destes Emblemas , igualmente sentenciosos , que discretos , como se mostrava do prateado panno , e lenço , que pendia da mesma tarja.

Cernis , ut impatiens terras fax ignea linquit ?

Cælesti ut tantùm sede quiescat , abit.

Pectoris ista tui monstrat fax vota , JOANNES ;

Orbe fugis , cœlo nam Tibi sola quies.

Nas outras quatro tarjas , que serviaõ de ornato ao terceiro corpo desta estupenda , e magestosa

ar-

architecturã pelas quatro faces principaes do oitavado se liaõ outras tantas inscripçoens , e Lugares da Sagrada Pagina , que applicou a curiosidade á memoria laudoza deste Fidelissimo Principe : Na fronteira á porta principal da Igreja era o seguinte Texto :

Vivit anima tua , Rex ?

Reg. lib. 1. 17. v. 55.

Na face collateral da Epistola o seguinte:

Effugisti mortis imperium.

Tob. 2. v. 8.

Na fronteira ao Altar mayor se mostrava este;

Transit à morte in vitam.

Joann. 5. v. 24.

E pela parte do lado do Evangelho se offerencia o seguinte Texto:

Non est viro huic iudicium mortis.

Jerem. 26. v. 16.

Entre os quatroens , que serviaõ de Athlantes , sustentando o agigantado corpo desta maquina ; igualmente luzida , que horrorosa , por baixo do plinto do primeiro corpo se apresentavaõ tambem no meyo das quatro faces principaes em idioma vulgar quatro Sonetos . lavrados em artificiosas tarjas , que a triste e nunca mais tarda Musa do indigno Escritor desta Relação Funebre formou em Epitafios na magoa com
a penna

a penna do sentimento : era o da frente o seguinte

S O N E T O.

A Qui jaz , e não jaz , ó Lusitanos ,
 Hum Rey , cujas acçoens daõ larga historia:
 Realmente não jaz , sim na memoria
 Dos vassallos leaes Americanos.
 Para seu bem , e nossos dezenganos,
 O seu Reyno trocou pelo da Gloria ;
 Por mostrar que esta vida he tranzitoria,
 E taõ tambem mortaes os Reys humanos.
 Perdemos , ecclipsada a Magestade ,
 Fino amor , certa paz , firme esperança ;
 Hum Pay da patria , o Rey de mais piedade:
 Dando nos, como a filhos , por herança
 Eterna sua vida na laudade ,
 Sua morte perpetua na lembrança:

Na face do lado da Epistola se lia em outra
 tarja este

S O N E T O.

CRuel Parca , golpe fero , duro córte !
 Como entre labyrinthos , e entre horrores
 Te oppoens tyranna aos Regios esplendores
 Trovaõ de lutos , rayo de Mavorte !
 Tudo acaba , consóme tudo a morte ,
 Pobres vassallos , Reys , Imperadores ,
 Baixas choupanas , torres superiores ,
 Ceptro Regio , elmo duro , espada forte.

Naõ

Naõ me admira que a Parca enfurecida
 Tudo consumma , quando a todos chama
 Quem do Quinto JOAM foy homicida.
 Mas advirta , que tanto o Po vo o acclama ,
 Que se póde roubar-lhe a fragil vida ,
 Naõ póde escurecer-lhe a regia fama.

Na face fronteira ao Altar mayor se deixava
 ver o seguinte

SONETO.

E Sta funebre maquina , que encobre
 Em Regio Mausoleo a Real Grandeza ,
 Dezen ganando a humana Natureza ,
 He funesta expressaõ do amor mais nobre.
 Occulta a Magestade , e se descobre ,
 Que a morte , por mais tymbre da inteireza ,
 Naõ distingue a humildade da nobreza ,
 O Rey , ou o vassallo , o rico , ou o pobre.
 Tudo morre , e naõ he , naõ , impiedade ,
 Que a mesma natureza he que assegura
 Ser feudo da mortal fragilidade.
 Pois nem póde izentar-se á morte dura
 A Regia ostentaçaõ da Magestade
 Nos estragos fataes da sepultura.

E logo pelo lado do Evangelho se ostentava no
 escudo da ultima tarja o seguinte Epitafio , e

SONETO.

A Qui estaõ , Portuguezes celebrados ,
 Do nosso Rey os Regios esplendores ,
 Ou em pyra de luzes exteriores ,
 Ou em urna de dor depozitados.
 Nesta morte os suspiros duplicados
 Sejaõ em tanto excesso superiores ;
 Com que do povo os funebres clamores
 Correspondaõ leaes da fama aos brados.
 Chore pois esta America sentida
 De taõ grande Monarcha o estrago forte ,
 A que a pena a conduz , e a dor convida.
 Lamente Portugal , publique a Corte
 A breve duraçaõ de tanta vida ,
 O golpe acelerado desta morte.

Finalmente ; este assombro dos Mausoleos , esta
 maravilha das Pyramides , e este funesto , e incompa-
 ravel Obelisco estava com tanto custo , e engenho
 artificialmente ornado , que , além das riquissimas tar-
 jas , e folhagens douradas , e prateadas , em que se
 davaõ a admirar tantos Emblemas , sagradas Inscri-
 pçoens , e Epitafios , a abundante copia de precio-
 sos galoens de ouro , e prata , de que se ornava , fa-
 zia encobrir o campo dos veludos , e sedas pretas ,
 com que se vestia todo este architectado composto ,
 sobrefahindo só em pequenos claros , que enlutados
 faziaõ realçar o ornato com distincãõ vistosa do artis-
 ficio.

Nos quatro córtes angulares , com que esta fa-
 brica

C

brica

fabrica formava a figura oitavada estavaõ outros tantos pedestaes de dous corpos , fazendo a mesma figura com seus reffaltos , os plintos eraõ de Alabastro fingido , os corpos de marmore azul refendidos , as cornijas do mesmo Alabastro , e ouro ; o segundo corpo destes pedestaes , como fielmente demonstra o risco , tinha o plinto azul , o corpo branco , e o capitel Jonico , e dourado , demandando cada pedestal de altura 17. palmos até os capiteis.

Sobre o pedestal do lado direito fronteiro á porta principal da Igreja se via em vulto hum horroso Esqueleto cuberto com manto de Cavalleiro da Ordem de Christo , e na maõ direita huma Coroa em sinal de Magestade , tendo em panno branco de sombras estendido na frente pela face do seu pedestal a seguinte inscripção , parto do entendimento do mesmo erudito Vigario.

Siste , Viator , & siste lacrymas ;

Major jactura est ,

Quam ut flere possis.

Imo

Non lacrymis opus est ,

Quando

Non Regem parentamus amissum ,

Sed prosequimur coelo redditum.

Augustissimus Rex JOANNES QUINTUS

Nec Regnum amisit , nec coronam.

Nunc maxime supra nos regnat ,

cum in coelo regnat.

Quod coronam adhuc retineat ,

Ex eo proditur,

Mittit coronam suam ante Thronum.

Na

Na face interior do mesmo pedestal se lia em huma bem lançada tarja a inadvertida reprehensãõ ; com que o mal limado Escriptor desta funebre relação accusava a mesma Morte da crueldade do golpe neste

S O N E T O.

D Etem ; morte cruel , furia tamanha :
 Vê que acabas hum Principe perfeito ;
 Reges o golpe , ignoras o sujeito ,
 Que he estrago dessa funebre guadanha.
 Ninguem te approvará , antes te estranha
 Todo o mundo esse golpe sem respeito ,
 Que essa acção he curiosa , e sem preceito ,
 He rigor , e impiedade , não façanha.
 Com tão pouca attençaõ , e dessa sorte
 Se ultraja huma Coroa eclarecida ,
 Se mata hum Rey , tal Rey , tão sabio , e forte ?
 Pois sabe , monstro cruel , dura homicida ,
 Que despojo não póde ser da morte ,
 Quem merece por premio eterna vida.

Sobre o segundo pedestal do outro lado opposto , e tambem fronteiro á porta principal da Igreja , se levantava em vulto outro horrivel organizado Esqueleto cuberto com outro manto da mesma Ordem de Christo , fazendo alarde da defattenta fouce , que empunhava , como instrumento duro das suas victorias , mostrando em outro lenço branco extendido pela frente do pedestal esta inscripção da mesma pena Latina

Relação

Ubi est, Mors, victoria tua?
 Non jacet hìc,
 Qui hìc jacet.
 Fidelissimum Regem JOANNEM QUINTUM
 Tumulus non capit,
 Cui
 Anticipato obsequio,
 Clientum desideria
 Suis in cordibus
 Posuere monumentum.
 Ibi
 De Regno immortaliter meritis
 Rex Fidelissimus
 Et vitam, & Regnum
 Aupicatur immortale,
 Hoc tantum nomine.
 Morti obstrictus;
 Quia sibi abstulit, quod mortale erat;
 Ut totus fieret immortalis.

Na face interior do mesmo pedestal se estenda em bem recortada tarja a desculpa religiosa, com que a mesma morte áquelle Soneto da queixa pelos meismos consoantes respondia no seguinte

SONETO.

CRuel não he minha furia, nem tamanha;
 Como cuidas; que o Rey; por mais perfeito;
 Por força do destino está sujeito
 Aose stragos finaes desta guadanha.

Se

Se o pede a natureza , como estranha
 O mundo perder eu qualquer respeito ?
 Que quem cumpre de Deos o alto preceito
 Obra por sujeição , não por façanha.
 Se o Rey dos Reys mandou cahisse a forte
 de JOAM na cabeça esclarecida ;
 Deste Poderoso Rey no peito forte ;
 Não sou cruel , nem sou delle homicida ;
 Pois o levo da vida para a morte ,
 Por levá-lo da morte a melhor vida.

No terceiro pedestal do lado da Epistola frente ao Altar mayor se erguia em vulto outro Esqueleto , igualmente ornado com o manto da Ordem de Christo, sustentando no braço direito a Real Purpura, por baixo da qual se lia em outro panno esta engenhosa inscripção, obra do Reverendo Doutor Vigario:

Post immensum gloriæ curriculum
 Relinquens Regnum Filio,
 Regno Pacem ,
 Orbi desiderium sui ;
Fidelissimus Joannes Quintus Portugalie Rex ,
 Hic in pace quiescit
Rex Pacificus ,
 Vixit in Imperio

Annos pené quatuor supra quadraginta
 Nobis parum , sibi satis , gloriæ nimium:

E finalmente no quarto pedestal com outro manto da mesma Ordem se elevava o ultimo Esqueleto

leto da mortê , empunhando na maõ direita o Regio
 Ceptro , dando a entender que o nosso Fidelissimo
 Monarcha ; ainda depois de morto , naõ perdera a
 insignia da Magestade , por estar de posse de outra
 Coroa no Reyno do Ceo : e em outro similhante
 lenço aos mais se via na frente do pedestal lavrada a
 prezente inscripção , feliz parto do mesmo Vigario :

Pone luctus ; Portugalix Regnum ;
 Post morbum diuturnum ,
Fidelissimus JOANNES QUINTUS Rex tuus
 Tandem convaluit.
 Quod sanus sit
 Inde conjice ,
 Obdormivit in Domino.
 Non aliter dormire debuit
 Dilectus hic Christo JOANNES ;
 Qui supra pectus Domini nunc recumbit.
 Ibi
 Et somno , & amoris indulgens ,
 Oculos in terris clausit ,
 Ut in coelo aperiens sibi reditus
 Intueatur
 Quæ oculus non vidit.

Ficava toda esta engenhoza , e riquissima obra
 no meyo de quatro grandes , e bem fabricadas co-
 lumnas da ordem corinthia com seus pedestaes de
 outro fingido alabastro , as columnas de marmore a-
 zul fingido , cintadas de folhagens de meyo relevado
 de ouro com capiteis dourados , coroando-se com
 quatro jarroens de 7. palmos de alto todos prateados.
 Os

Os trispalares destas columnas serviaõ de gigantes aos arcos, em que se suspendia a cupula do pavilhaõ, a qual era da mesma figura oitavada com cimalha, e oito quartellas de ouro, e mais cores, mostrando nas quatro faces principaes da figura as Reaes Quinas Lufitanas.

Era a cûpula, e pavilhaõ, que cobria a grandiosa machina deste Regio Mauzoleo de veludo preto, todo franjado, e agaloado de ouro, e prata com curiosa direcçaõ, rematando-se por cima com hum dourado floraõ, que coroava o todo desta architettura: sahiaõ desta bem composta, e rica cûpula quatro cortinas, que, indo apanhar as volutas dos capiteis das columnas, formavaõ quatro arcos de meya volta redonda, fazendo por dentro a figura de barrete com varios florens, e tarjas de ouro; naõ havendo em toda esta fabrica ornato, que naõ fosse precioso, materia, que naõ fosse rica, e fórma, que naõ fosse applicada nas obrigaçoens da architettura pela melhor idéa da curiosidade, e invençaõ discreta do artificio.

Batia esta funebre, e agigantada machina com o floraõ da cûpula no levantado tecto desta Igreja Matriz, que sendo na verdade hum dos mayores templos, que com incrivel despendio erigio nestas Minas a piedade Portugueza, achava ainda o sentido, e magoado coração, que á alma da Fidelissima Magestade do Senhor Rey D. Joaõ o V. offerecia este sacrificio, ser todo o seu dilatado ambito pequeno theatro para representar-lhe o seu amor, e ser tanta altura curta distancia para hum sincéro agradecimento, que para ser acceito havia de chegar forçozamente da
super-

superficie da terra ao interior das espheras celestes.

E para satisfazer de algum modo na execucao, ao que appetecia, e a Igreja lhe negava, quiz que a intensaõ nas demonstraçoens do sentimento lupprisse a extensa esphera do seu grato dezejo. Fez enlutar todo o espaçozo ambito interior deste sagrado templo desde a porta principal até o Altar mayor, mostrando nos horrores da cor a justa causa do sentimento: as negras paredes se ornavaõ com multiplicados Esqueletos de inteiros corpos, mortes, ossadas, e innumeraveis tarjas, em que se viaõ lavrados varios Lugares, e Inscriptoens da Sagrada Escriitura, Disticos, e outras muitas variedades de Versos, e Epitafios, que ideou, e applicou a curiosidade para signaes da dor, e tributo da veneraçãõ,

Na porta principal deste magestoso templo da parte de fóra apparecia logo á primeira vista hum taõ magnifico, como triste Portico, cuberto todo de panno preto, sobre o qual se viaõ pintados em lenço dous Esqueletos de meyo corpo, e com coroas na cabeça, entre os quaes se admirava huma excelente tarja com esta inscripção da Sagrada Escriitura.

Exaltas me de portis mortis

Psalm. 9. 15.

Logo ao entrar da porta da parte direita se liae m huma tarja este Distico.

Mortuus est: oculis abeuntem amplectimur udis,

Atque in perpetuum, Rex, Ave, & usque Vale.

Na

Na parede do lado da Epistola tinha outra tarja a seguinte Letra da Escritura Sagrada:

Ne unquam obdormiam in morte.

Psalm. 12. v. 5.

Seguia-se hum inteiro Esqueleto pintado, que aos pés tinha outra tarja, com este texto:

Nunc ergo vide, ubi sit hasta Regis?

I. Reg. 26. v. 16.

Do mesmo lado se mostrava mais adiante em outra tarja este Distico:

*Qui bene præteritos sine labe peregerit annos,
Non horret mortis vulnera dira pati.*

Bem no meyo do pulpito se lia em huma tarja o fiel dezengano do homem neste Distico:

*Vita quid est hominis? Ventus; flos; fabula, fœnum.
Aura, cinis; flatus, pulvis, & umbra, nihil.*

E sobre a cupula do mesmo pulpito o seguinte lugar da Escritura:

Et erat sapientior cunctis hominibus.

3. Reg. 4. v. 31.

Em cima da porta da Sachristia se achava hũa bem formada tarja com o Distico seguinte

D

Lysia,

*Lyta ; quid ploras ? Regem : Quis luctus ? Amarus.
Ve nobis ! Regno ! Ve , Aurifodina , tibi !*

Na outra porta fronteira a esta do lado do Evangelho se divizava em correspondencia este Distico em outra tarja :

*Latus ad occasum ; nunquam redditurus ad ortum ;
Vivo hodie , moriar cras ; here natus eram.*

No meyo do pulpito do mesmo lado esta Letra Sagrada :

*Sum quidem & ego mortalis homo similis omnibus ?
Sapient. 7. v. 1.*

E sobre a sua cupula o seguinte Distico em hũa curiosa tarja.

*Non vixisse diu vita est ; at vivere , vita est ;
Quid juvat ergo diu vivere ; deinde mori ?*

Pouco mais adiante se seguia em outra igual tarja este Distico :

*Hic jacet immiti consumptus morte JOANNES ;
Quem caelo astrifero vivida fama colit.*

Mostrava-se logo adiante hum Esqueleto com a sua foice de que cahia huma tarja com a seguinte Letra da Sagrada Pagina :

Mor-

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Mortuus est autem Rex.
3. Reg. 2. v. 37.

E por baixo do coro na mesma parede se lia esta em outra tarja :

Mors illi ultra non dominabitur.

Ad Rom. 6. v. 9.

E em fim , era tanta a variedade de Poemas , e Inscriptoens , Disticos , Epitafios , e Esqueletos , que ao mesmo tempo , que todo o corpo deste Templo horrorizava a vista para os estimulos da dor , admirava o vario dos conceitos , e a applicaçã dos lugares aos juizos discretos , que os attendiaõ.

O Altar mayor , e todos os mais desta grande Igreja se viaõ superiormente encerrados com negras cortinas , e vestidos com pendentos doceis , e sitiaes de veludo preto , em que sómente se arvoravaõ os Estandartes das Sacrosantas Imagens daquelle Rey dos Reys , que quiz , sendo immortal , morrer voluntariamente no Lenho Sagrado da Cruz para a redempçaõ dos homens , cujos doceis , e sitiaes , entre as demonstraçoens do sentimento , faziaõ nas muitas franjas , e galoens de ouro , e prata , de que se compunhaõ , huma vista apparatusa , e enternecida a todos os circunstantes , de taõ funesta acçaõ.

Todo este funebre apparatuso foy piedola disposiçaõ para aquelle dia , em que o agradecido coraçã do Doutor Mathias Antonio Salgado houve de tributar a taõ Augusto Monarcha por sacrificio da von-

D ii

tade

tade as mais solemnes Exequias, que tem visto até o presente este dilatado continente Americano, assim na estrutura, e custo da exposta machina, como na assistencia do concurso, na harmonia da Musica; na solemnidade do acto, no numero dos Sacerdotes, em abundancias de cera, e no discreto, e conceituoso da Oração.

Nos dous lados da Igreja se dividiraõ dous coros de Musica em outros tantos coretos; em cada hum dos quaes estavaõ dous rabecoens, e hum cravo, e quatro vozes, todos tam bem ajustados, que cantando todos os Responsorios, Versos, e Liçoens debaixo de rigoroso compasso, era tal a melodia, e consonancia, que se julgava fazerem todos hum concerto, sem faltar algum ao regulado contraponto da sua voz.

Da parte collateral da Epistola assistio o Doutor Corregidor desta Comarca com os Juizes Ordinarios em corpo de Camara com todos os seus Senadores, Capitaõ mór da Villa, e mais Nobreza; da parte do Evangelho a Veneravel Ordem Terceira do Patriarcha S. Francisco, com toda a sua Mesa, e Irmaõs Professos, e Noviços, seguindo-se a nobilissima Irmandade do Santissimo Sacramento, e todas as mais Irmandades, e Confrarias da mesma Igreja Matriz, que para acto taõ serio quizerãõ assistir em corpo de Comunidade; e finalmente era taõ innumeravel o concurso, que sendo espaçozo o corpo deste sagrado templo; se via naõ menos numero por toda a sua exterior circunferencia.

Iluminados todos os Altares; e quando ja na urna da dor queria este Regio Mausoleo ser Pyra de luzes

luzes, que vomitando incendios de hum amor penali-
zado, ateados no sentimento, sem os poder apagar
o pranto, pertendiaõ desafiar as Estrellas do Ceo pe-
lo Sol, que nos roubara; digo, quando ja estavaõ
accezas as innumeraveis tochas, que circulavaõ o
magestoso artefacto desta funebre Pyramide, se deo
feliz principio ao solemne Officio, que offereceo
aquelle grato, e triste peito pela Alma da defunta
Magestade do Fidelissimo Rey, e Senhor D. Joaõ o
V. de sempre faudoza memoria.

Contavaõ-se 20. Sacerdotes por cada lado (nu-
mero excessivo para huma Villa das Minas) assistin-
do no meyo destes 4. Dignidades com Pluviaes: era
Presidente o mesmo Reverendo Vigario, que o offe-
recia; e tudo tam bem disposto, que naõ experimen-
tou desordem: regiaõ o choro dous cantores de sono-
ras, e ajustadas vozes, havendo dous Thuriferarios,
que incessantemente estavaõ incensando a urna com
ornato, asleyo, e gravidade, aos quaes acompa-
nhava hum Sacerdote Sachristaõ da Igreja Matriz.

Apenas no solemne Officio se chegou ao Psal-
mo *Laudate*, foy tan a a abundancia, e profuzaõ da
cera, que a impulsos da liberalidade do dito Reveren-
do Vigario repartiraõ por todo o numeroso auditorio
e povo quatro nobres amigos seus, que em breve es-
paço distribuirãõ mais de quinze arrobas della, naõ
ficando em toda a extentaõ do templo pessoa de qual-
quer condicaõ, a quem naõ se offertasse véla de libra;
sendo depois de accezas tal a illuminaçaõ, e incen-
dio, que deixavaõ a perder de vista as estrellas do
Firmamento.

Principiada a Missa, que celebrou o mesmo
Dou.

Doutor Mathias Antonio Salgado, se puzeraõ as quatro Dignidades nos quatros pedestaes, que orna-vaõ nos córtes do oitavado aquelle luétuozo Monumento, onde existiraõ até o fim da funçaõ.

Concluido o sacrificio, subio ao pulpito aquelle incansavel espirito, a quem se a fadiga naõ póde cortar lhe os passos para o trabalho, foy poderosa a magoa, e era bastante a causa, para lhe embargar as vozes para os suspiros. Entre montes de penas, e entre mares de prantos expôs na dor particular o sentimento commum: no funebre elogio das acçoens heroicas, e virtudes do Muito Alto, e Poderozo Rey Fidelissimo, e Senhor D. Joaõ o V., se conciliou affectos ja inclinados para a pena, infundio no auditorio bastantes fundamentos para o allivio, ou ja fosse na christaã credulidade, que devemos ter; de que gozará por aquellas o eterno premio da Gloria, ou porque, morrendo glorioso, nos deixou no Augustissimo, e Fidelissimo Rey, e Senhor D. Joseph N. Senhor, hum similhante Filho, hum fiel Exemplo, hum Substituto, e Successor da lua Coroa, das suas acçoens, e das suas virtudes.

Manoel Joseph Correa, e Alvarenga.

S E R M A Õ R E C I T A D O

Pelo Vigario de S. Joaõ de ElRey , o Doutor

MATHIAS ANTONIO

SALGADO,

Nas Exequias , que fez celebrar ao Fidelissimo
Rey , e Senhor

D. JOAÕ V.

*Non recedet memoria ejus , & nomen ejus requiretur
à generatione in generationem ; sapientiam ejus enar-
rabunt gentes , & laudem ejus enuntiabit Ecclesia.
Eccl. 39.*



SEGUNDA vez , Fidelissimo Rey
e Senhor D. Joaõ o V. , defun-
to para a nossa saudade , vivo , e
immortal na nossa memoria : *Non
recedet memoria ejus* , segunda vez
venho a este lugar para offerecer
diante dessa sombra funebre do
vosso throno os extremos da nossa dor. A primeira vez
fubi para , em nome desta Villa , do seu nobilissimo
Senado ; de todo este povo , vos tributar os affectos
mais puros do coração , com que estes fieis vassallos
deraõ mayor preço á magnificencia dos suffragios. Ho-
je subo a impulsos do meu amor , a imperio da minha
obriga-

obrigação, e a empenho da minha divida: Quem, como eu, vos deveo tanto; quando vivo, ja que não póde pagar de outro modo, pague sentindo o que perdeo na vossa morte. Vossa he, Senhor, esta Igreja, a quem como Padroeyro a devo, e quando a Igreja toda sentida da vossa perda se occupa em perpetuar na memoria dos seculos os vossos louvores; como podia faltar esta Igreja, que por todos os titulos he tanto vossa! Ella por mim, e eu em seu nome farey, o que faz a Igreja toda; bulcarey o allivio da magoa, que causou a vossa morte, nos louvores augustos, e immortaes da vossa vida: *Laudem eius enuntiabit Ecclesia.*

Bem sey que alguem condenará como demora culpavel o suspender eu tanto tempo este funeral obsequio. Ha perto de sessenta dias que recebemos a noticia infausta da morte do nosso faudozo Monarcha. E como se póde conter tanto tempo, sem que respirasse a nossa magoa, sem que prorompesse nos excessos do sentimento o nosso amor! Mas como se engana o discurso! Isto não foy conter-se a obrigação e o amor; foy dilatar-se mais o sentimento. Démos tempo ao tempo, para dar mais tempo ás lagrimas. Dilatamos este publico obsequio, para estender a mais dilatada esfera os excessos da dor. Settenta dias continuos chorou o Egypto a morte do pay do seu grande Vice Rey Joseph: *Flevit eum Ægyptus septuaginta diebus.* E que muito dilatemos nós por sessenta dias o chorarmos a morte do Pay Soberano do nosso Augustissimo Rey, e Senhor D. Joseph, dando com tanta providencia a Portugal, como Joseph ao Egypto: Joseph o Primeiro para a felicidade de Portu-

Portugal, como foy o primeiro Joseph para a prosperidade do Egypto. Mas que digo chorar? Eu não venho a chorar morto hum Monarcha glorioso, a quem as palavras do nosso thema recommendaõ vivo, e immortal: *Non recedet memoria eius, & nomen eius requiretur à generatione in generationem.* O Syro verteo: *Non deficiet memoria eius usque in seculum, & nomen eius oblivioni non tradetur à generatione in generationem.* São João escreveo que os defuntos, que com huma ditoza morte daõ principio a huma vida bemaventurada, entraõ no Ceo acompanhados das suas obras: *Opera enim illorum sequuntur illos.* Sua Magestade, que Deos nos levou, entrou no Ceo não só acompanhado das suas obras, mas do seu grande nome; das obras como acredoras do premio; do nome, que, incluindo no seu significado a graça, lhe segurou a posse da gloria. Sendo isto tanto, não he o mais; o mais he, que as obras, e o nome, que seguirãõ a Sua Magestade até o Ceo, com huma similitude de immensidade tambem ficaraõ conosco na terra. Foraõ com elle para lhe negociarem a immortalidade na Patria, ficaraõ conosco para o immortalizarem no mundo. Foraõ com elle para o metterem de posse da eterna gloria, ficaraõ conosco para lhe estabelecerem huma gloria, que nunca ha de acabar na memoria dos seculos, e na admiração dos homens: *Non recedet &c.* Sim. Não ha de acabar, porque as naçoens do mundo, e a Igreja, repartindo entre si os elogios deste Monarcha, o faraõ immortal em todas as idades; as naçoens publicando a sabedoria, com que governou os vassallos, a Igreja celebrando a piedade, com que engrandeceo a magestade da coroa: *Sapientiam*

E

eius

eius enarrabunt gentes, & laudem eius enuntiabit Ecclesia.
 E sem advertirmos, temos achado o lenitivo da nossa dor na perpetuidade da memoria, e na immortalidade do nome do nosso defunto Monarcha o Fidelissimo Senhor Rey D. Joaõ o V. Ouviremos o que dizem as naçoens do mundo, e a Igreja; ouviremos os acertos do seu reynado, as maravilhas da sua piedade; e acabaremos de entender que o Fidelissimo Senhor Rey D. Joaõ o V. he de gloriosa memoria, e immortal, pelo que delle publicarão as naçoens, e celebrará a Igreja: *Non recedet &c.*

Nada dezeja tanto a vaidade dos mortaes, como illudir o decreto inalteravel da morte com a vida perduravel da fama, e com a immortalidade do nome. Com este pensamento levantáraõ estatuas, fabricáraõ collosos, erigiraõ templos; enganaraõ-se porém os mortaes na eleição destes meynos para o fim da immortalidade, a que aspiraraõ. Não são as obras alheas mas as proprias, as que fazem immortaes os homens: Cada hum com as suas obras he o artifice da immortalidade do seu nome. O homem ficou mortal pela culpa, e pelo merecimento he que recupera a immortalidade, que perdeu. Ninguem soube melhor esta arte que o Fidelissimo Senhor Rey D. Joaõ o V.: a pezar da morte o respeitãõ immortal todas as naçoens; mas a sua immortalidade he effeito glorioso da sabedoria, com que governou: *Sapientiam ejus enarrabunt gentes.* Não ha arte taõ difficultoza como a arte de governar homens, por isso nenhuma cousa he taõ necessaria aos Reys como a sabedoria. Bem o conheceo Salamaõ, a quem offerecendo Deos dar-lhe o que dezejasse, o que pediu para dezempenhar as obrigaçoens

gaçoens de Rey , foy a sabedoria : *Postulasti tibi sapientiam*. Até o mesmo Deos em confirmação desta verdade , quando nos prometteo a feu Filho como Rey , o prometteo como Sabio : *Regnabit Rex , & sapiens erit*. Esta sabedoria , que resplendeceo no Rey immortal da gloria , he a que fez immortal o nome augusto do nosso Rey. Não sou eu o que o digo ; taõ as naçoens todas : *Sapientiam ejus &c*. Reparem : não só louvaõ a sabedoria do feu governo , mas a sua sabedoria. Nos Reys huma cousa he governarem com acerto , e outra cousa he ser sua a sabedoria , com que governaõ. Houve no mundo outros Monarchas , que dezempenharaõ no governo as maximas da sabedoria ; mas a sabedoria , que resplendecia no governo , não era sua , era do vassallo , era do conselheiro , com quem repartiaõ o pezo da Monarchia. Em Babylonia o Rey era Balthazar , mas o sabio era Daniel. Em Jerusalem o Rey era David , mas a sabedoria do conselho estava em Achitofel. Em Egypto o Rey era Faraó , mas a sabedoria , que felicitava o imperio , toda era de Joseph. Em Portugal se admirou a excepção desta regra , onde o Rey era taõ sabio , que os acertos do feu governo todos se attribuiaõ , não á sabedoria dos vassallos , mas á sua sabedoria : *Sapientiam ejus*. Elle era o Balthazar , e o Daniel ; o David , e o Achitofel ; elle era , o que governava como Faraó , e o que sabia como Joseph : por isso os louvores , que merecia a sabedoria do feu governo , sem se repartirem com os vassallos , todos eraõ seus : *Sapientiam ejus*. Assim como a sabedoria teve lugar taõ distinto no feu throno , tambem procurou que dominasse no feu Reyno : para este fim

instituio a Academia Real da Historia , de quem foy
 Protector , e Mecenas , e ferá glorioso assumpto.
 Este mesmo dezejo manifestou nos dous claustros reli-
 giosos , que fundou em Mafra , e nas Necessidades,
 aonde estabeleceo outras tantas casas de sabedoria.
 Como conhecia que as livrarias saõ as officinas , em
 que a sabedoria costuma polir os engenhos , e aper-
 feiçoar os sabios , o seu mayor estudo foy ajuntar Bi-
 bliothecas. Para constituir o seu palacio palacio da sa-
 bedoria , o ornou de huma Bibliotheca taõ magnifica,
 como quem a ajuntou. A Mafra , e as Necessidades ,
 que fundou , tambem enriqueceo com livrarias co-
 piosas. Na Universidade de Coimbra mandou fabri-
 car huma Bibliotheca publica taõ magnifica , que em
 tudo corresponde á grandeza daquelle emporio das le-
 tras. Até nos estudantes de S. Antaõ fez Sua Mage-
 stade publico o amor , que tinha á sabedoria : para os
 promover na sciencia lhe introduzio novos estimulos
 no certame , e lhe fez huma occulta , e suave força
 com os premios. Consignou rendas para que duas ve-
 zes no anno se publicassem composicoens , destinan-
 zo se aos vencedores proporcionados premios em to-
 das as classes. Por este meyo vio Sua Magestade o
 seu Reyno taõ povoado de sabios , que no seu tempo
 teve a sabedoria em Portugal o seu imperio. A saba-
 doria para engrandecer a tua gloria dizia por boca de
 Sabio : *Per me Reges regnant* , que por seu meyo
 reynavaõ os Soberanos. Em Portugal teve esta divi-
 da proporcionada satisfacaõ : a sabedoria fez reynar o
 Monarcha , e o Monarcha fez reynar a sabedoria.
 A sabedoria o pôs no throno , e elle collocou a saba-
 doria no throno , em que o pôs. Delorte que ao
 mes.

mesmo tempo que a sabedoria olhando para todos os Reynos do mundo repete gloriosa: *Per me Reges regnant*; olhando para o nosso Reyno, e para o nosso defunto Monarcha pôde confessar agradecida: *Per Regem regno*. Mas se ella foy taõ exaltada pelo Rey no seu Reyno, ella exaltou tanto no mundo ao nosso Monarcha, que por todas as naçoens he celebrada a sua sabedoria: *Sapientiam eius*.

Teve o nosso Monarcha sabedoria, mas a sua sabedoria teve por credito ser huma sabedoria bemaventurada, por se applicar ao socorro dos pobres; que essa he a sabedoria bemaventurada na opiniaõ de David: *Beatus, qui intelligit super egenum, & pauperem*. Deos deo ao nosso Monarcha naõ só a sabedoria, mas as riquezas; podendo repetir o nosso Soberano: *Venerunt mihi omnia bona pariter cum illa*; porém elle para se desempenhar com Deos beatificou a sabedoria, restituindo liberalmente a Deos as riquezas que lhe deo, pelas mãos dos pobres. Naõ ha em todo Portugal Comunidade Religiosa; nem houve necessidade publica, a quem o nosso Monarcha naõ soccorresse com maõ taõ larga, como sua. Diga o Campo Mayor abraçado com dezaestre violento. Diga o Lisboa na epidemia, que no seu tempo padeceo. Diga o a Provincia de Alen-Tejo na esterilidade continuada, que experimentou por alguns annos, onde Sua Magestade a huns deo o socorro, a outros o remedio, e a todos supprio a falta do necessario. E que dirão os mais vassallos, a quem Sua Magestade soccorreo nas mais urgentes necessidades? Naõ he preciso que digaõ mais do que diziaõ as suas lagrimas todas as vezes que Sua Magestade se via em perigo de vida, que foraõ muitas

tas, chorando todos a sua falta, não só como Rey, senão como Pay. Assim fez o nosso Monarcha bemaventurada a sua sabedoria applicando a ao soccorro dos necessitados: *Beatus, qui intelligit super egenum & pauperem.* Mas se a sua sabedoria foy bemaventurada por dar aos necessitados o soccorro, de que careciaõ, tambem foy bemaventurada por dar aos seus vassallos o mayor bem. E que bem será este? He aquelle, que de continuo pedimos a Deos: *Da pacem Domine in diebus nostris.* Foy a paz, que Deos nos concedeo por meyo da sabedoria do nosso Monarcha. Este foy o primeiro cuidado de Sua Magestade, apenas occupou o throno, concluir os ajustes da paz e conservá-la. Tudo teve o effeito dezejado; porque estipulada a paz com Castella, e França, que no principio de seu reynado estavaõ em campo contra Portugal, a paz, que estabeleceo, foy huma paz firme, e perduravel. O Real Profeta David, fallando do reynado de Christo seu filho, disse, faria glorioso o seu imperio com abundancia da paz: *In diebus ejus abundantia pacis.* Eu bem sey que os Monarchas do mundo assim como reprêzentaõ a Deos no dominio, que delles recebem, tambem são huns Deozes pequenos cá da terra, e como taes filhos singularmente do Altissimo; assim o reconheceo o mesmo David: *Ego dixi, dii estis, & filii Excelsi omnes.* Porém entre todos os Reys se distinguio o nosso Monarcha, como filho do Altissimo, que ao seu imperio communicou Deos aquella abundancia da paz promettida no imperio de seu Filho: *In diebus ejus abundantia pacis.* O doutissimo Leblanch; explicando esta abundancia de paz, escreveo: *Pax copiosissima, & maxime diuturna.* Huma paz copiosissima;

fiffima, hũa paz, que se estende pela serie dilatada dos té-
 pos. E naõ he esta a paz, que se vio em Portugal no
 tempo do nosso Soberano? Toda Europa ardendo em
 guerra, todas as Monarchias inquietas, e algumas
 assoladas com as levas, com as campanhas, com
 as batalhas, com os tumultos da guerra; e Portugal
 logrando a abundancia da paz, que lhe communicava
 o seu Monarcha: *In diebus eius abundantia pacis.*
 Huma só guerra conservou o Augustissimo Senhor
 Rey D. Joaõ o V., e foy dentro no seu Reyno;
 era a guerra, que fazia aos crimes, e aos delinquen-
 tes: porém como nesta guerra resplendecia o exerci-
 cio da justiça, eraõ novos vinculos, com que firmou
 a paz, que nos dava: *Justitia, & pax osculate sunt.*
 Bem conheceo Sua Magestade a sympatia, que entre
 si tem estas duas virtudes; por isso bulcou na paz a
 administraçãõ da justiça. Este foy hum de seus ma-
 yores cuidados, como o primeiro que devem ter os
 Monarchas. Escolhia para os tribunaes os ministros
 mais incorruptos. Naõ permittia que os grandes, e
 os poderozos entendessem eraõ privilegiados para a ob-
 servancia das leys; taõ attento sempre ao fiel da ba-
 lança da justiça, que se no seu tempo fez lembrar o im-
 perio do Filho de Deos pelo attributo da paz, naõ
 menos o representou na inteireza da justiça: *In die-
 bus eius justitia, & abundantia pacis.* Prerogativas
 taõ singulares, que publicadas no mundo pelos eccos
 da fama, de tal sorte excitaraõ os assombros das na-
 çoes, que todas com acclamaçãõ uniforme engran-
 decem a sabedoria do seu governo: *Sapientiam eius
 enarrabunt gentes.* Ficando por este modo o Fidelis-
 simo Senhor Rey D. Joaõ o V. de gloriosa memoria
 pela

pela immortalidade do seu nome : *Non recedet memoria eius &c.*

Et laudem ejus enuntiabit Ecclesia.

Mal podiaõ faltar os louvores da Igreja a hum Monarcha , que com tanto desvêlo cuidou nos augmentos do Culto Divino , na perfeiçaõ das ceremonias Ecclesiasticas , e em enriquecer , e levantar altares , e templos ao Rey do Ceo. Mas que louvores diz a Igreja deste Rey ? Diz o mesmo , que estaõ dizendo o ouro , a prata , os bronzes , os marmores as pedras preciosas , que Sua Magestade offereceo a Deos nos templos com liberalidade Real. Diz que foy hum Rey pio , hum Rey Catholico ; hum Rey exemplar do zelo , da Fé , e da Religiaõ : em fim , hum Rey dado singularmente por Deos para augmento da divina gloria , e para utilidade da Igreja. Eterno ficara o seu nome , e a sua memoria nos annaes do Vaticano. Alli se lerá , para exemplo dos Reys Catholicos , a veneraçãõ , o amor , e o respeito , que teve á Igreja , e a seus Pastores. O titulo estimabilissimo de filho da Igreja he hereditario nos Reys de Portugal , depois que o Padre duas vezes S. Pio V. o deo ao nosso faudozo Rey D. Sebastiaõ. Mas o nosso Monarcha o fez tanto seu , como se naõ fora herdado , accrescentando ao nome de Filho o titulo gloriolo de Fidelissimo com que o supremo Pastor da Igreja engrandeceo a sua piedade. E na verdade em todas as occasioens se portou sua Magestade como Filho Fidelissimo da Igreja. Dos filhos , que em Christo gerou , dizia S. Paulo que por feis eraõ a sua coroa : *Vos estis corona mea.*
Dei

Deste filho Fidelissimo pôde dizer o mesmo a Igreja, que he a tua Coroa, pois para firmar na cabeça do Pastor Supremo a Tiara lhe accrescentou com as forças navaes do seu Reyno mais huma Coroa. Já sabem quero dizer que, implorando o Summo Pontifice soccorro de Sua Magestade contra o Turco, que com huma poderosa armada ameaçava a ultima ruina á Cabeça da Igreja, Sua Magestade lhe mandou hum soccorro taõ recopilado, que sendo sette os navios, de que constava a armada Portugueza, se lhe fizemos a conta pela arithmetica do valor, acharmos era huma armada composta de milhares de vasos. Assim o deve confessar o mundo, o qual com inveja, e affombro vio que bastaraõ as Quinas Portuguezas para eclipsar o orgulho infiel da Lua Othomana. Retirou-se destruida a armada dos Turcos. Ficou a victoria pelos Portuguezes, que tiveraõ a gloria de engrandecer a Tiara da Igreja com mais esta Coroa. Quando Pedro no Horto queria defender a Christo, naõ acceitou Christo a defesa, dizendo que para isso tinha no Ceo a milicia dos Anjos: *An nescis possum rogare Patrem meum, & exhibebit mihi plusquam duodecim legiones Angelorum?* Vejaõ a gloria dos Portuguezes. A Christo querer ser defendido no Horto, naõ admittiria os Apostolos, porque tinha Anjos. Mas para Christo, e Pedro ser defendido no seu Vigario, e Succesor, naõ se vale da milicia dos Anjos, e quer os soldados Portuguezes. Já houve, e foy o principe dos Prégadores, quem interpretasse a favor dos Portuguezes, dando a conhecer no mundo por meyo das Conquistas o nome de Deos, a profecia de Izaias: *Ite Angeli veloces.* Naõ duvido foraõ

como Anjos na propagação da Fé os Portuguezes ; mas tambem he certo encheraõ as vezes de Anjos, defendendo a Christo no seu Vigario. O certo he , que Christo, no caso que quizesse ser defendido , havia de pedir ao Pay os Anjos ; e o Vigario de Christo para ser defendido dos inimigos de Deos pedio o socorro a este Filho Fidelissimo. Esta gloriosa acção, com que este Filho dezempenhou o titulo de Fidelissimo , sustentando a Cabeça da Igreja na alteza, que lhe era devida , servio tambem de manifestar a uniaõ intima do amor , que com ella tinha. O Divino Esposo , querendo louvar o pescoço da Esposa , que em figura era a Igreja , se valeo da similhaça da torre de David , toda guarnecida de escudos , e armas : *Turris David collum tuum , mille clypei pendent ex ea , omnis armatura fortium.* Similhante á torre de David o pescoço da Esposa ? E com que pensamento ? Direy o que entendo. Naõ he o pescoço na symetria do corpo o mais unido a cabeça ? Naõ ha duvida. Naquelle formoso composto da Esposa naõ se representava a Igreja ? Todos o sabem. Agora notem : A torre de David foy destinada para defender a santidade do Siao figura da Igreja , dos insultos atrevidos dos Jebuzeos, que eraõ os infieis daquelle tempo. Tudo disse o doutissimo Gislerio : *Extitisse vero turrim hanc maxime spectabilem , ut ab expulsis Jebuzeis tutam servaret arcem Sion.* Quer pois dizer o Esposo , que quem com uniaõ mais intima está unido á Cabeça da Igreja , he quem sabe dezempenhar a gloria da torre de David ; defendendo o Siao da Igreja dos assaltos dos infieis. Naõ ha duvida que todos os Reys Catholicos saõ membros da Igreja , mas quem occupava o lugar do pes-

pescoço, como mais unido á cabeça, foy o Filho Fidelissimo da Igreja o Senhor Rey D. Joaõ o V. Nas lette náos, com que socorreo a Igreja, pôs em campo sette movediças Fortalezas, e naquella occasião os Castellos, que cercavaõ as Quinas nas bandeiras de Portugal, eraõ outras tantas torres de David para a defenfa da Igreja: mas por isso o nosso Monarcha manifesta mais intima uniaõ com a cabeça da Igreja. Bem sey, que naquelle conflicto tambem se viraõ as armas dos outros Filhos da Igreja, todos valorosos, e alentados: *Et omnis armatura fortium*. Mas quiz a Providencia que elle, affugentando os infieis, que se oppunhaõ á Igreja, assimilhasse a gloria da torre de David triunfando dos Jebuzeos: *Ab expulsis Jebuseis &c.* Para que assim conhecesse o mundo, que este Filho Fidelissimo no corpo mystico da Igreja representava o mysterio do pescoço, por ser o mais unido á Cabeça da mesma Igreja: *Turris David &c.*

Mas deixemos ja de admirar estas acçoens da piedade do Filho Fidelissimo da Igreja, em que se reparte a gloria entre a piedade, e o valor, entre o zelo da religiaõ, e a valentia; e entremos a ouvir a quellas acçoens do nosso Monarcha, que a Igreja publica; todas filhas da sua piedade. A devoçaõ deste grande Rey só pôde ter similhaça com a sua fé. A recreaçãõ para elle mais gostosa era o vir á tribuna assistir aos Officios Divinos, procurando que em todos se praticassem com exacta perfeiçaõ as ceremonias da Igreja, em que era peritissimo. A sua Patriarchal era todo o seu amor. Alli se achava assistindo na tribuna a todas as horas do coro; taõ pontual nesta assistencia, que nenhum Ministro do Altar, por mais que se

distinguisse na rezidencia, lhe levava a primazia. O mais he, que nem nos ultimos annos da sua vida foy bastante a enfermidade para lhe fazer interromper esta ^{silencia}, antes quanto mais se via opprimido da enfermidade, entã buscava no Author da vida o allivio. Nesta materia admitei hum successo, que, ainda que o naõ posso canonizar por milagre, nas suas circumstancias parece excede as forças da natureza. Huma das occasioens, em que aquelle fatal accidente assaltou a Sua Magestade, se vio em perigo taõ evidente, que se publicaraõ preces em toda Lisboa. No segundo dia das preces esteve Sua Magestade tanto ás portas da morte, que se valeraõ os Medicos do remedio violento das sarjas para o livrarem do perigo. No terceiro dia das preces, ao mesmo tempo que toda Lisboa estava cuidadoza, e assustada com o perigo do seu Soberano; ao mesmo tempo que a Santa Igreja Patriarchal multiplicava affectuosas rogativas pelo seu Augusto Fundador, appareceo de repente Sua Magestade na tribuna acompanhando as preces, que se faziaõ pela sua enfermidade com acção de graças, que vinha render a Deos pela sua melhoria. David, aquelle piedozo Rey taõ empenhado no Divino Culto, dizia viera dar ao templo infinitas graças ao author da vida pelo livrar das portas da morte: *Excaltas me de portis mortis, ut annuntiem omnes laudationes tuas in portis filie Sion.* Vejaõ a differença, que faz David ao nosso Rey. David primeiro o livra Deos das portas da morte, e depois he que vem ao templo a dar a Deos as graças pelo livrar da enfermidade. O Senhor Rey D. Joaõ o V., ao mesmo tempo que estava ás portas da morte, por estas mesmas portas

portas entra no templo para agradecer a Deos a vida. Quando os Ministros da Igreja offerecem preces pela sua enfermidade, aparece no templo a dar as graças pela melhora. Por este modo extraordinario manifestou Deos quanto lhe agradava a piedade deste grande Rey, concedendo-lhe a vida com taõ particular cuidado para lhe continuar os obsequios. Porém este mesmo cuidado de Deos me dá fundamento a hum reparo, que entendo será de todos. Reparo em Deos condenar a huma enfermidade taõ prolongada hum Rey piedozo, a quem com taõ declarado empenho concede a vida. Dá mayor força ao meu reparo hum successo da Escriitura. A doença, que na Escriitura pôde ter alguma similhaça com a do nosso faudozo Rey, foy a de Ezechias. Enfermou El Rey Ezechias, e enfermou como o nosso Soberano, porque de ambos foy mortal a enfermidade: *Ægrotavit Ezechias usque ad mortem.* Hum, e outro conseguiu a laude milagrosa por meyo de lagrimas. Ezechias por meyo das muitas, que elle mesmo chorou, o nosso Monarcha por meyo das lagrimas de seus vassallos, que com rogativas, procissoens, e preces alcançaraõ para o seu Rey a faude dezejada. Para a melhora de Ezechias contribuiu hum prodigio do relógio de Achaz, que estava no palacio, que por esta maravilha se manifestou a expressa figura de Maria Mãy de Deos. Tudo disse Mauricio de Vita Probata: *Maria Horologium, ad cujus decimam lineam reversus est sol Justitie.. ut sanaretur homo.* A melhora de Sua Magestade tambem foy beneficio da Mãy de Deos: pois á Senhora das Necessidades, que em Palacio lhe assistio, reconheceo o nosso Monarcha dever a vida.

Entre tanta similitude acho da parte da melhora huma grande differença ; porque a Ezechias dilatou Deos a vida por mais quinze annos , ao nosso Monarcha lhe concedeo a vida pouco mais de oito. Ezechias teve vida , que na realidade foy vida , porque conseguiu saude perfeita ; o Senhor Rey D. João o V. teve tal vida ; que mais se lhe pode chamar ou enfermidade successiva , ou morte prolongada.

4. Reg.
28. 4. 81.

Ah Deos , e que occultos são os vossos juizos ! Os homens , pondo os olhos nestes dous Monarchas , os reconhecemos os mais semelhantes nas acçoens da piedade , e do zelo. Ezechias destruiu os Idolos , e fez guerra aos Idolatras : *Dissepavit excelsa , contrivit statuas. . ipse percussit Philistaeos.* E isto mesmo executou na India o nosso Monarcha , coroando a Estatueta de pacifico com os triunfos da Idolatria. Ezechias foy o reparador do Divino culto em Israel. Sua Magestade o promoveo no seu Reyno. Ezechias abriu novamente o templo. O nosso Monarcha fundou de novo muitas Igrejas. Ezechias cuidou em restituir ao templo os Sacerdotes , os Levitas , e os Cantores , purificando com todas as ceremonias a casa de Deos. O Senhor Rey D. João o V. sagrou templos , e altares em grande numero , e na Cata , que consagrou a Deos na sua Patriarchal , lhe offereceo não só Cantores exquisitos convocados com despeza excessiva de todo o mundo , mas hum numero extraordinario de Ministros tão condecorados pelos seus nascimentos , pelas suas letras , pelas honras , pela dignidade , e tão abundantes de rendas , que nelles se manifesta bem a grandeza de seu Real animo. Ezechias convocou o seu povo para celebrar a Paschoa do Cordeiro com a
fo.

solemnidade dos Azimos: *Misit nuntios ad populum convocandum, Phase celebrans cum Azimorum solemnitate.* Elcreveo o doutissimo Merz. Sua Magestade procurou tanto o culto do Corpo de Deos, figurado naquella solemnidade, que convocou toda a sua Corte, e as suas vizinhanças para formar hum triunfo tão magnifico, e glorioso, que fosse digno da Magestade Divina, a quem se offerecia, e da humana, que o consagrava. Finalmente, Ezechias louvava a Deos todos os dias entoando Psalmos no seu tanto templo: *Psalmos nostros cantabimus cunctis diebus vite nostræ in domo Domini.* E Sua Magestade não só assistia na Casa de Deos todos os dias, ouvindo os Psalmos, que em louvor de Deos se entoavaõ no coro, senão que particularmente rezava o Officio Divino todos os dias com raro exemplo de devoção, e piedade. A vista desta similhança, que o Senhor Rey D. Joaõ o V. teve com Ezechias, quem não diria que Deos movido das nossas lagrimas, e da piedade deste grande Rey, lhe concederia huma vida tão prospera, e dilatada por tantos annos como a Ezechias? Mas não foy assim, como entendemos; porque a vida lhe foy só concedida por oito annos, e lhe foy otorgada com a pensão de huma enfermidade continua, e diuturna. E com que providencia assignaria Deos este decreto? Se os abismos inscrutaveis da Divina labedoria se podem de longe reverentemente investigar, eu dissera que assim o determinou Deos para fazer dous beneficios. Hum ás Almas santas do Purgatorio; outro á alma de Sua Magestade, que, como piamente cremos, hoje o goza. Era Sua Magestade o mais signalado bemfeitor das Almas do Purgatorio;

conce

concedeo Deos a vida a Sua Magestade, e ahi fez beneficio ás Almas do Purgatorio, porque lhes prorogou mais o tempo dos suffragios. Deo a Sua Magestade huma vida por oito annos, mas penalizada, e nisso consistio o beneficio da tua alma. Quiz Deos que satisfizesse pela pena temporal do Purgatorio correspondente ás culpas com os sacrificios quotidianos, que offerecia pelas Almas do Purgatorio, e com o purgatorio, que deste modo padecio em oito annos de enfermidade, pudesse por meyo de huma morte bema-venturada voar a possuir o eterno descanso na vista de Deos. Parece-me que Salamaõ no livro do Ecclesiastico nos deixou mysteriosamente descrita esta felicidade do nosso glorioso Rey: *Mitte panem tuum super transeuntes aquas, quia post tempora multa invenies illum. Da partem septem, necnon & octo: quia ignoras, quid futurum sit mali super terram.* Lança o teu paõ sobre as agoas, que passaõ, e depois de muito tempo o acharás. Offerece sette, e tambem oito, porque naõ conheces os males, que estaõ para vir sobre a terra. Póde haver texto mais enigmatico? Porém se fizermos reflexaõ na vida do Senhor Rey D. Joaõ o V., nos será facil addivinhar o enigma. Nas letras sagradas pelas agoas se entendem as tribulações, por isso muitos intrepreses com Alapide explicaraõ por estas agoas as penas do Purgatorio, e pelo paõ o paõ sagrado, e consagrado, que no sacrificio da Missa se offerece em suffragio: *Aliqui, diz Alapide, Per aquas transeuntes intelligunt animas in purgatorio detentas, quasi hinc pro eis jubeat effundere... suffragia.* Esta he a razaõ, com que nos diz o Ecclesiastes, que depois de muitos tempos acharemos este paõ, porque de-

Eccl. 11.
v. 2.

Alap. ibi.

depois do tempo da vida he que principalmente se colle o fructo destes suffragios. Toda a duvida consiste naquelle: *Septem, necnon & octo*. Rabi Salamaõ com outros, allegados por Alapide, pelo sette entendem os sette dias da semana: *Per septem intelligunt septem dies septimane, quali dicat, quotidie date elemosynam*. Como se dissera: dai esmola, offerecei suffragios todos os dias da semana, que assim vos livraris das penas da outra vida. Assim interpreta S. Jeronymo citado por Alapide as ultimas palavras do texto: *Ignoras &c.*, affirmando que aquelles males ameaçados saõ as penas da outra vida. Tudo está bem explicado, todo o trabalho he explicar o *necnon & octo*. Porém para isso não necessito de outro interprete mais que o mesmo successo. Parece que o texto foy talhado para Sua Magestade, e por isso até aqui se não achava cabal interpretação áquelle oito, porque a interpretação dos oito só se havia de achar nos oito annos, que Sua Magestade padeceo a vida, ou viveo luctando com a morte. O Senhor Rey D. Joaõ o V. seguindo o conselho do Ecclesiastes, lançou o seu paõ sobre as agoas, porque offereceo nos sacrificios o Paõ da Eucharistia, o qual, pela veneraçã, que lhe teve, e pelo culto singular, que lhe consagrrou, ficou por antonomazia o seu paõ: *Mitte panem tuum &c.* Todos os dias offereceo estes suffragios para encher o significado mysterioso no numero 7. recommendado no texto: *Per septem intelligunt &c.* Nos dias dos suffragios encheo o significado dos sette, e nos annos da enfermidade o numero mysterioso dos oito: *Da partem septem, necnon & octo*. Deste modo ajuntando o purgatorio de oito annos aos suffragios, que

que offerecia pelas benditas Almas do Purgatorio todos os dias, se livrou das penas da outra vida taõ temozas: *Quia ignoras quid mali futurum sit super terram.* Toda esta felicidade lhe conseguiraõ as acçoens de piedade, que exercitou, e por isso a Igreja o engrandece immortal na piedade: *Laudem ejus enuntiabit Ecclesia.*

Vivei pois, Fidelissimo Senhor, vivei, e reinai; em hum, e outro mundo Rey; em hum, e outro mundo depois da morte immortal. Na terra immortal pelas vossas acçoens; no Ceo immortal pelo vosso merecimento. Na terra immortal com a assistencia, que tivestes de Deos no vosso throno; no Ceo immortal assistindo ao throno de Deos. Na terra immortal pela sabedoria, com que governastes o vosso reyno; no Ceo immortal pela sabedoria, com que adquiristes o reyno de Deos. Na terra immortal pela piedade com os homens; no Ceo immortal pela misericordia de Deos. Na terra immortal como Rey Fidelissimo, no Ceo immortal como servo fiel. Na terra immortal pela paz, em que conservastes o vosso reyno; no Ceo immortal pela paz, em que descansais nesse reyno bemaventurado, que ja he vosso.



Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central
Requiescat in pace.